



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
Curso de Mestrado Profissional em
Diversidade e Inclusão (CMPDI)

JOÃO PAULO FERREIRA DA SILVA

ACESSIBILIDADE AOS CEGOS E SURDOS NOS
MUSEUS E CENTROS CULTURAIS DA CIDADE DO RIO
DE JANEIRO

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense visando à
obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientador: Prof^a. Dr^a. Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira

Co-orientador: Prof^a. Dr^a Angelina Accetta Rojas



Niterói

2015

JOÃO PAULO FERREIRA DA SILVA

**ACESSIBILIDADE AOS CEGOS E SURDOS NOS MUSEUS E CENTROS
CULTURAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.**

Trabalho desenvolvido no Espaço UFF de Ciências do Departamento de Imunobiologia, do Instituto de Biologia, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense.

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientador: Dr^a. Gerlinde Agate Platais Brasil.

Co-orientador: Prof^a. Dra^a Angelina Accetta Rojas.

S 586 Silva, João Paulo Ferreira da

Acessibilidade aos cegos e surdos nos museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro/João Paulo Ferreira da Silva.

- Niterói: [s. n.], 2015.

77f.

Dissertação – (Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão) – Universidade Federal Fluminense, 2015.

1. Museu. 2. Centro cultural. 3. Guia. 4. Acessibilidade. 5.

Pessoa com deficiência visual. 6. Pessoa com insuficiência auditiva. 7. Braille. 8. Libras. I. Título.

CDD.:069.17

JOÃO PAULO FERREIRA DA SILVA

**ACESSIBILIDADE AOS CEGOS E SURDOS NOS MUSEUS E CENTROS
CULTURAIS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.**

Dissertação submetida à Universidade Federal Fluminense como requisito parcial visando à obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Banca Examinadora:

**Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira – Departamento de Imunobiologia IB - UFF
(Orientador/Presidente)**

**Ana Regina e Souza Campello – Departamento de Ensino Superior - INES
(Membro Titular)**

**Luiz Antonio Botelho Andrade – Departamento de Imunobiologia IB - UFF
(Membro Titular)**

**Mary Rangel – Programa de Pós Graduação em Ciências Médicas – UERJ
(Membro Titular)**

**Cristina Maria Delou – Sociedade, Educação e Conhecimento da FE - UFF
(Membro Suplente)**

**Angelina Accetta Rojas – Núcleo de Arte Cultura/Educação– Unilasalle, RJ
(Co-orientadora)**

Dedico esta dissertação ao Eduardo Dias
Barbosa, pelo suporte em conquistar
mais uma etapa acadêmica.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre iluminar os meus caminhos;

A minha família por investir em minha formação;

As minhas professoras Angelina Accetta Rojas e Gerlinde Agate Platais Brasil, pelas valiosas críticas e sugestões à pesquisa;

Ao Mauro Luiz da Hora Faria, pelo suporte durante toda a pesquisa

Ao Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual de São Gonçalo, RJ.

Aos amigos (surdos, ouvintes e cegos) pela colaboração durante meu estudo;

Em especial a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a construção desse trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AC	Análise de Conteúdo
AD	AudioDescrição
ASL	American Sign Language
CBMERJ	Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro
CCBB	Centro Cultural Banco do Brasil
DA	Deficiente Auditivo
DV	Deficiente Visual
GA	Grupo de Acessibilidade
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBRAM	Instituto Brasileiro de Museus
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
MALBA	Museu de Arte Latino-americana de Buenos Aires
MAM	Museu de Arte Moderna
MAR	Museu de Arte do Rio
NBR	Norma Brasileira de Acessibilidade
PEPE	Programa de Estudos para Educação Especial
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Símbolos Internacionais de pessoas com deficiência visual (cegueira) de acordo com a ABNT – NBR – 9050 – A) Branco com fundo azul; B) Branco com fundo preto e C) Preto com fundo branco.....	7
Figura 2: Símbolo de acessibilidade para cegos: A) Símbolo de informação com o Sistema Braille e B) Símbolo de informação com Audiodescrição.	8
Figura 3: Símbolos internacional para espaços de acesso aos visitantes de pessoas com deficiência auditiva (surdez) de acordo com a ABNT – NBR – 9050 A) Branco com fundo preto; B) Branco com fundo azul e C) Preto com fundo branco	8
Figura 4: Símbolos de acessibilidade em Libras criado na Universidade Federal de Minas Gerais: A) com assinatura completa: é recomendado para informar ao público que desconhece o significado da sigla Libras; B) Assinatura parcial: uso recomendado quando o público já conhece a sigla Libras e C) sem assinatura: esta aplicação é recomendada quando direcionada a públicos que já tenham familiaridade com o símbolo.	9
Figura 5: Símbolos Internacionais de Acessibilidade em Interpretação em Língua de Sinais.	10
Figura 6: Localização dos Museus e Centros Culturais localizados no centro da cidade do Rio de Janeiro cujos limites se localizam próximos: a Praça XV, ao leste, ao Aterro do Flamengo ao sul, a Praça Tiradentes, o oeste e ao Píer Mauá, ao norte.....	15
Figura 7: Fachada do Museu de Arte Moderna/RJ e Visitantes Surdos do Gota – Grupo de Orientação Terapêutica pela Arte/Niterói, RJ para a Exposição de Ron Mueck.....	25
Figura 8: Casa França Brasil/RJ – Folder Informativo e Palestra com Leonardo Castilho (MAM-SP) sobre Acessibilidade Educativa para Surdos.....	26
Figura 9: Pinacoteca do Estado de São Paulo/SP – Pesquisa Técnica ao Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE.	27
Figura 10: Imagem da obra Abaporu, 1928 - Óleo sobre Tela (85x73) de Tarsila do Amaral (1886-1973) e sua descrição ao lado. Obra do Museu Latino Americano de Buenos Aires – MALBA.	29

Figura 11: João Paulo Silva com a utilização do Áudioguia no Metropolitan Museum of Art, NY.....	29
Figura 12: Museu Light de Energia/RJ – Painel Informativo em Braille.....	30
Figura 13: Museu de Arte do Rio/RJ – Legenda em Braille da Maquete Tátil do Museu para os Visitantes Cegos.	30
Figura 14: Museu de Arte do Rio/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade de Psicologia da UFRJ com a Professora Dr ^a . Virgínia Kastrup.....	31
Figura 15: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Reprodução Tátil da Composição Artística de Salvador Dalí e Roy Lichtenstein na Estação Sensorial do Programa Educativo.....	31
Figura 16: Museu Light de Energia – Painel Informativo em Braille e Piso Podotátil no interior do Museu.....	32
Figura 17: Catálogo em Braille do Festival Assim Vivemos – Centro Cultural Banco do Brasil/RJ.	32
Figura 18: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ na obra de Vladimir Yankilevsky de 1987.	33
Figura 19: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ com educadores do programa educativo.	34
Figura 20: Museu Nacional de Belas Artes – MNBA/RJ. Exposição Ver e sentir através do toque.....	35
Figura 21: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Estação Sensorial durante a exposição Virada Russa.	35
Figura 22: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ com a educadora Camila Araújo. ..	37
Figura 23 Charge demonstrando o efeito da mesma oportunidade para todos.	38

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Quadro 1: Resultado dos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.	16
Quadro 2: Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro com acessibilidade.....	17
Quadro 3: Tipo de recurso de Acessibilidade aos Visitantes Surdos nos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.	18
Quadro 4: Resultado da Acessibilidade aos Visitantes Cegos nos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.	20

Sumário

RESUMO.....	XIII
ABSTRACT	XIV
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 HIPÓTESE E OBJETIVO DA PESQUISA.....	11
2.1 HIPÓTESE.....	11
2.2 OBJETIVO GERAL	11
2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 MATERIAL E MÉTODOS.....	12
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	12
3.2 PESQUISA DE CAMPO	12
3.3 COMITÊ DE ÉTICA.....	13
3.4 ROTEIRO PARA ENTREVISTA NOS MUSEUS.	14
4 RESULTADOS.....	15
4.1 INFORMAÇÕES NOS MUSEUS E CENTROS CULTURAIS PESQUISADOS.....	15
5 DISCUSSÃO.....	21
5.1 ACESSIBILIDADE AOS SURDOS NOS MUSEUS.	21
5.1.1 ACESSIBILIDADE EM LÍNGUA DE SINAIS	21
5.1.2 EDUCADOR: BILÍNGUE, SURDO OU INTÉRPRETE?.....	24
5.2 ACESSIBILIDADE AOS CEGOS NOS MUSEUS.....	26
5.2.1 ACESSIBILIDADE AO TOQUE E EM BRAILLE.	26
5.2.2 RECURSOS PARA ACESSIBILIDADE.	28
5.2.3 EDUCADOR: CEGO OU VIDENTE?	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
6.1 CONCLUSÕES	39

6.2	PERSPECTIVAS.....	39
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40
8	APÊNDICES E ANEXOS.....	44
8.1	APÊNDICE:.....	44
8.1.1	PRODUTO DO MESTRADO:.....	44
8.2	CARTA DE APRESENTAÇÃO	75
8.3	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO.	76

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de produzir um guia acessível sobre o grau de acessibilidade para cegos e surdos nos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro. O referido trabalho apresentou a informação e os recursos de multimídia utilizados nas exposições; a comunicação e a acessibilidade em Braille e em Língua de Sinais Brasileira nos museus e centros culturais e um panorama sobre os museus inclusivos do centro do Rio de Janeiro. Assim, nas considerações finais abordou-se uma síntese dos assuntos apresentados e pontos relevantes referentes ao tema. A base teórica constitui-se de estudos sobre educação inclusiva. A metodologia incluiu pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo em museus e centros culturais do centro do Rio de Janeiro. Os sujeitos foram os arte-educadores e/ou coordenadores das instituições culturais. O produto final foi a elaboração de um Guia Acessível no sistema Braille e em tinta com o intuito de divulgação nos espaços inclusivos.

Palavras-chave: Acessibilidade; Comunicação; Inclusão; Informação; Museu.

ABSTRACT

This research aims to analyze the available services for deaf visitor's, users of the Brazilian Sign Language (Libras) and blind visitors, compared to the touch, through the Education Action Programs and Multimedia Features used in exhibitions, museums and centers cultural, such as information and communication expressed in Sign Language and Audio Guide. That work presents the information and how multimedia resources are used for exhibitions, the communication and accessibility Braille and Brazilian Sign Language in museums and cultural centers and an overview of inclusive museums from the center of Rio de Janeiro. Thus, ending the search, the final considerations draw a short summary of the issues presented and relevant points on the subject. The theoretical background consists of studies on inclusive education. The methodology includes literature and field research in museums and cultural centers in the center of Rio de Janeiro. The subjects will be art educators and/or coordinators of the cultural institutions. Through research, production of an Accessible Guide in Braille and ink will be prepared for dissemination of inclusive spaces.

Keywords: Accessibility, Communication, Inclusion, Information, Museum.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa “Acessibilidade aos Surdos e Cegos nos Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro” apresenta a questão da comunicação e informação inclusiva para visitantes surdos e cegos durante exposições em Museus e Centros Culturais. Historicamente a condição de “exílio cultural” enfrentado pelos cegos e surdos fazia parte da normalidade de uma sociedade que segundo suas próprias regras excluía e separava, negava e isolava os sujeitos portadores de deficiências em geral.

Segundo Skliar (2005), “ser ouvinte é ser falante e é, também, ser branco, homem, profissional, letrado, civilizado, etc. Ser surdo, portanto, significa não falar – surdo-mudo – e não ser humano.” Será essa a verdadeira imagem que se tem das pessoas surdas? E dentro dos museus e centros culturais? A mesma coisa? Ser diferente significa não ter direito ao acesso à informação e à comunicação?

É a identidade dos indivíduos, que caracteriza as diferentes culturas. A identidade dos surdos e sua forma de comunicação os caracterizam como grupo. Assim, da mesma forma que é facultado aos estrangeiros traduções para o inglês, a comunidade surda também deveria ter acesso às informações e à comunicação em sua língua de sinais de forma universal inclusive nos museus e centros culturais. Conforme a legislação que Institui o Estatuto de Museus – Lei no 11.904, de 14 de janeiro de 2009, na Subseção III - Da Difusão Cultural e Do Acesso aos Museus no Art. 35 “Os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente”. Assim, o acesso universal às ambiências museais é considerado um fator primordial na acessibilidade de pessoas com deficiência (BRASIL, 2009).

A visão tradicional de educação identifica aspectos como a cegueira e a surdez como defeitos ou carências, ou seja, como algo que limita e restringe o desenvolvimento. No senso comum, qualquer característica que fuja da normalidade, tanto para mais como para menos, em ambientes sociais, existe uma rejeição. Vygotsky (1997) ao apresentar uma abordagem mais inovadora, quando passa a entender a deficiência como uma especificidade ou uma característica individualizada das pessoas. Dessa forma, ressalta-se que a concepção sobre a deficiência deve ser substituída por outra, que considere a

dinâmica do desenvolvimento. Pensar nas instituições museológicas como lugares de cultura aos quais todos devem ter acesso, é discutir e refletir sobre o seu objetivo - estar à disposição do público de forma polissensorial, através de percursos que se concretizam no indivíduo por meio da visão, do tato, da audição e da mobilidade.

Refletir sobre a universalização do acesso é refletir sobre as políticas públicas que agregam e que priorizam a inclusão cultural como plataforma essencial da sociedade (TOJAL, 2007). O acesso aos espaços dos museus e centros culturais seja físico e/ou informativo, deve ser pensado antes da montagem da exposição. Talvez essa possa ser a pergunta que procuramos: como preparar-se e atualizar-se para receber o público diferenciado nos museus e centros culturais? Assim, estar atento às formas de receber o seu público visitante quer seja surdo, cego ou com outra especificidade, faz parte dos deveres das instituições culturais.

Há uma crescente preocupação de diversas instituições, inclusive de museus e centros culturais, em atender a legislação referente a acessibilidade tanto para o público nacional como estrangeiro, no entanto, observa-se que não há um equilíbrio entre as ações. Quando o assunto é acessibilidade, o fazem de forma mais adequada com relação ao público visitante estrangeiro e aos com dificuldade de mobilidade. Com relação aos primeiros, é cada vez mais frequente a presença de materiais, em inglês, impressos e/ou legendas nas mídias pelas exposições. O atendimento à legislação sobre a acessibilidade vigente é mais adequado para os aspectos arquitetônicos dos espaços nos quesitos que facilitam a mobilidade de cadeirantes e muletantes (COHEN *et al*, 2012).

Com frequência, surdos brasileiros por não terem acesso se sentem estrangeiros à muitas informações em sua língua, pois poucos são os espaços culturais que disponibilizam aos visitantes surdos a opção de a Língua Brasileira de Sinais.

Com relação aos cegos também não é frequente a presença de materiais táteis e com o sistema de leitura em Braille. As comunidades surda e/ou cega que procuram aparelhos culturais desejam acesso à informação e comunicação como qualquer outro público que se dispõe a visitá-los, pois tem interesse em saber sobre as obras ao apreciá-las.

No Brasil, o século XXI inicia uma nova era de universalização do acesso físico e de informação com o estabelecimento da Lei de Acessibilidade para todos (Nº 10.098 de 2000)

e do reconhecimento da Libras (Lei nº 10.436 de 2002). Apenas com a universalização da acessibilidade será permitido, a qualquer cidadão, conquistar de forma plena a participação das atividades culturais (SILVA THOMA E PELLANDA, 2006). Atualmente, observa-se que os surdos, em particular, ainda se sentem excluídos pela sua língua de origem - Libras, considerada a primeira língua dos surdos brasileiros (QUADROS, 2004).

Da mesma forma que a expressão oral, os países possuem cada um a sua própria língua de sinais, pois essa língua não é universal. Por exemplo, a língua dos surdos norte americanos é chamada de American Sign Language - ASL; e dos surdos que moram em Portugal é conhecida como Língua Gestual Portuguesa- LGP. Explicitaremos mais um pouco sobre esse conceito:

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44)

Assim, para as pessoas que são surdas, a língua de sinais é uma das formas de produção de identidade e cultura. Existe uma diferença no termo “Deficiente Auditivo” e “Surdo”. No âmbito do discurso clínico usa-se com frequência o termo “Deficiente Auditiva - DA”, para se referir aos surdos. Esta denominação geralmente faz referência a pessoas que possuem perda de audição, que pode ser atenuada, com um aparelho auditivo. Em geral, a grande maioria das pessoas que se considera “DA”, não conhece a língua de sinais, e utiliza sua comunicação oral com os ouvintes, não se identificando como sujeito que pertence a uma cultura surda.

Da mesma forma que para Libras, ter acesso a informação em Braille (sistema de leitura de cegos) não é universal na nossa sociedade. Assim, o mesmo que acontece com os visitantes surdos acontece com o público cego ao adentrar e visitar os aparelhos culturais. Para esta comunidade algumas das possíveis alternativas são: a percepção da obra de arte através do toque (quando o espaço autoriza tal acesso), a presença de legendas em Braille (o sistema de leitura pela forma tátil), e/ou a mediação oral. Dessa maneira, ao poder tocar em uma obra de arte para explorar o material, a forma e o espaço da obra, o visitante pode se fazer algumas perguntas, como: De quem é essa obra?; Qual o ano de sua construção?; Qual o tipo de material trabalhado?; enfim, informações

pertinentes as obras de arte que podem e/ou devem ser respondidos através de placas informativas em Braille ou pela mediação oral. A ausência destes recursos implicará na falta de parte da informação principal da obra de arte. Seria como ver um filme, ouvir uma música, conhecer uma pessoa e não saber o seu nome. Ou seja esta situação é análoga a um visitante vidente indo ao museu ver uma exposição sobre “Arte Brasileira”, com vários quadros em tinta apresentados pelas salas das exposições e nenhuma informação sobre os artistas, nem ao menos um folder impresso em tinta explicitando o conteúdo exposto ou um monitor para responder suas indagações.

Muitas instituições utilizam o letreiro “Favor não tocar!”, ou, distribuem seus monitores ao lado das obras de modo que possam avisar a todos que ali cheguem perto para “Favor não tocar!”. Faremos aqui, nessa pesquisa, uma analogia a pergunta utilizada por Gitahy (2010, p. 62) “Quem nunca utilizou o desenho para se comunicar?” Como diz o ditado popular “uma imagem vale por mil palavras”. Então, como se comunicar com o visitante cego em uma exposição sem o toque? Da mesma forma que o desenho comunica ao outro a sua expressão, quer seja abstrato ou figurativo o toque para o cego é um dos seus modos de interação com o mundo e apreciação estética (KASTRUP, 2008). Desta forma, quando a acessibilidade é deixada de lado para os que percebem as obras de artes pelo toque a função do aparelho cultural foi incompleta.

Quando um visitante surdo ou um visitante cego está disposto a entrar no Cubo Branco, expressão usada pelo escritor Brian O'Doherty (2002) para se referir às galerias de artes para apreciar e/ou analisar uma determinada obra de arte, a informação contida no interior desse espaço é suficiente para o seu entendimento sobre o assunto exposto? Terá informação cultural suficiente para a realização pessoal de conhecimento e/ou para uma pesquisa de um trabalho acadêmico? Mesmo que esse visitante procure tal espaço apenas para passear com a família, viver um momento de lazer e/ou manter-se atualizado no campo cultural, ele encontra a possibilidade de se tornar de fato, um consumidor de cultura? Os museus e centros culturais ao mesmo tempo que se preocupam com sua própria informação, desfaz-se dela a partir do momento que exclui do espaço as pessoas diferenciadas, por não “conhecer” e/ou “entender” esse público visitante. O que fazer para receber os surdos e os cegos em tais espaços? Muitos recursos encontram-se disponíveis para a inclusão, ainda que não sejam utilizados na maioria dos espaços. Em vídeos,

legendas em Português para os surdos, vídeoguia, audioguia, tradução em língua de sinais, transcrição em Braille para os cegos, enfim, são recursos eficazes e necessários para fazer-se entender por parte dos visitantes frequentadores de espaços culturais.

Nos dias de hoje, a informação está presente de forma real ou virtual em todas as partes do nosso cotidiano. Caso um indivíduo queira visitar um museu, existem duas possibilidades: a virtual e a real. Para a visita virtual basta dar um clique no *mouse* e ingressar no site desejado para ver as obras dos artistas enquanto para a visita real é necessário se deslocar até a exposição.

A “era da informação”, como se diz desse novo século, é uma era na qual o acesso à rede possibilita uma viagem por diversos lugares com a obtenção de uma vasta gama de informações para o seu conhecimento em minutos. Segundo Figueiredo (1999, p. 40) “se quisermos estar atualizados e preparados para enfrentar com sucesso a globalização pela qual o mundo está passando, temos que obrigatoriamente transformar nossa vida em um constante aprendizado”. Como facultar isto aos que são cegos ou surdos, por exemplo? Os recursos de acessibilidade crescem com a diversificação de estratégias computacionais como, por exemplo, a transformação de textos em som, a revolução da impressora 3D, a tradução em Libras entre outros. Mas, e nos museus propriamente ditos?

A verdadeira democratização da informação e comunicação, só será possível quando os organizadores dos museus e centros culturais conhecerem seu público visitante. Para tanto algumas perguntas são necessárias: quem são os visitantes que procuram o serviço do Programa Educativo para a visita mediada pela exposição? Como esse trabalho está sendo oferecido às pessoas surdas e às pessoas cegas? Cabe aqui levantar algumas questões relativas às condições oferecidas para os diferentes públicos: surdos, cegos, surdocegos, cadeirantes, muletantes, Down, enfim, cada um na sua especificidade. Assim os museus e centros culturais deveriam buscar a formação continuada de sua equipe que trabalha direta e/ou indiretamente com o público visitante, incluindo em sua composição, por exemplo, pessoas surdas e cegas que podem validar, para cada situação, as estratégias de mediação desenvolvida na instituição.

Colocar-se no lugar do outro ao organizar uma exposição é uma forma de aprender com a diferença. Realizar a visita pela exposição simulando as possíveis diferenças dos visitantes, não só por parte dos educadores, mas também por parte dos seus curadores e

organizadores permitirá a sensibilização e compreensão das necessidades do outro e a efetiva acessibilidade para o público visitante. Dessa forma, o espaço precisa estar atento às formas de receber o seu público visitante, quer seja surdo, cego ou com uma outra especificidade. Portanto, o acesso aos espaços dos museus e centros culturais, seja físico e/ou informativo, deve ser pensado antes da montagem da exposição. Enfatizamos ainda a necessidade constante de atualização da equipe executora para receber o público diferenciado nos museus e centros culturais.

Ao escrever sobre cultura, pode-se dizer que nosso Brasil, ou melhor, “as nações modernas”, segundo Hall (2006), são todas, “híbridos culturais”. Para Bauman (2003), as “diferenças culturais” estabelecem “desigualdades entre sociedades e dentro das sociedades”, na qual teoriza-as como “multiculturalismo”. O mesmo termo é utilizado por Skliar (1998), que se refere ao “multiculturalismo” como “o processo de construção das múltiplas identidades”. Assim, através de uma cultura pode-se compreender outras culturas.

Museus e centros culturais, deveriam estar atentos as múltiplas identidades ao receber visitantes em seus espaços, sejam cegos, surdos ou ouvintes – usuários ou não da língua de sinais. São poucas as instituições relacionadas à cultura que apresentam um trabalho com os públicos “especiais” ou “específicos”, tornando o espaço acessível a todos. Os espaços culturais que atendem ou desejam atender aos grupos especiais procuram trocar experiências sobre a questão da acessibilidade oferecendo cursos e/ou palestras para arte-educadores, museólogos e áreas afins (TOJAL, 2007).

De acordo com o termo acessibilidade, o significado é a possibilidade de alcance, atendimento e percepção com autonomia e segurança em espaços, edificações, mobiliários e equipamentos urbanos. Acessibilidade é mais que espaço físico, é comunicação.

Segundo Sarraf (2008, p. 38), consultora em acessibilidade em museus e ambientes culturais diz que, “a acessibilidade é uma forma de concepção de ambientes que considera o uso de todos os indivíduos independente de suas limitações físicas e sensoriais, desenvolvida a partir dos conceitos do movimento de Inclusão Social”. Admitir a inclusão nos museus e centros culturais, não é uma atitude fácil pelas instituições, não se trata apenas de uma obra arquitetônica no ambiente, e sim, uma pesquisa de estudo sobre as possíveis possibilidades para receber cada pessoa.

Dessa forma, acessibilidade é muito mais que adequações no espaço físico, a comunicação e a informação no interior do museu e nos espaços culturais se fazem necessárias de forma a igualar o conhecimento para todas as pessoas, assim os visitantes sejam cegos, surdos, cadeirantes, muletantes e outros, ao percorrer a instituição, sentirá autonomia em contato com a cultural.

Ainda segundo Sarraf (2012),

As barreiras atitudinais são o principal desafio a ser superado para viabilizar definitivamente a acessibilidade em espaços culturais. Dentro dos conceitos de inclusão social, as barreiras atitudinais podem ser entendidas como os preconceitos sociais em relação a um indivíduo ou um grupo, na maior parte dos casos por conta da intolerância às diferenças. (SARRAF, 2012, pg. 72).

O respeito às diferenças se faz presente quando os espaços dos museus começarem a perceber que os visitantes não são homogêneos e sim heterogêneos, cada qual com a sua individualidade e capacidade física, emocional, sentimental, comunicacional e intelectual. A Lei de Nº 7.405/85 obriga adaptar o ambiente visível com o “Símbolo Internacional de Acesso” para permitir a acessibilidade de todos. Assim, esses símbolos de acesso devem estar em locais de fácil visualização dos visitantes dos museus e centros culturais, a Figura 1 apresenta os três Símbolos Internacionais para as pessoas com deficiência visual (cegueira):

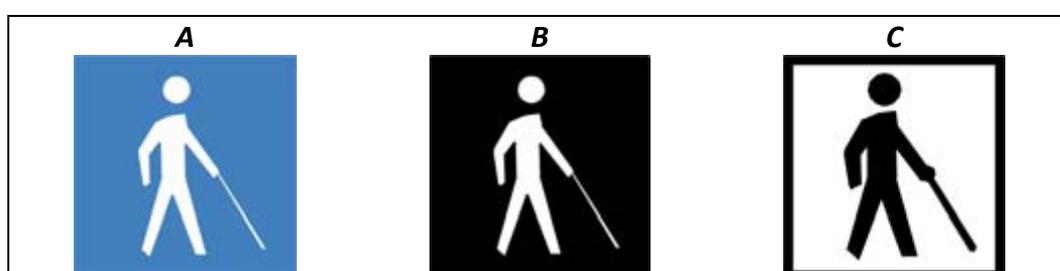


Figura 1: Símbolos Internacionais de pessoas com deficiência visual (cegueira) de acordo com a ABNT – NBR – 9050 – A) Branco com fundo azul; B) Branco com fundo preto e C) Preto com fundo branco.

Fonte: ABNT <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/>

Outros símbolos de acessibilidade para os visitantes cegos que também podem ser encontrados nos espaços culturais, estão apresentados na Figura 2

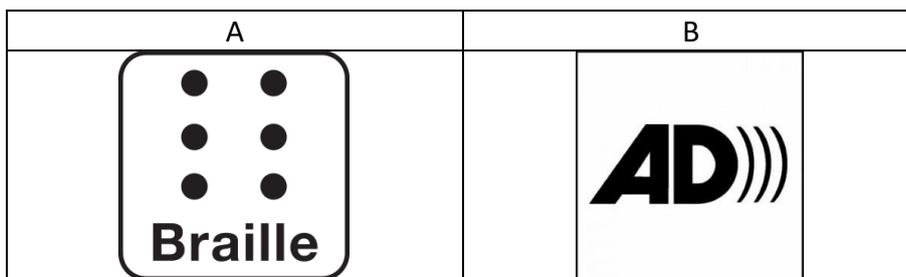


Figura 2: Símbolo de acessibilidade para cegos: A) Símbolo de informação com o Sistema Braille e B) Símbolo de informação com Audiodescrição.

Fonte: <http://www.ryerson.ca>

É grande o número de brasileiros que possuem alguma relação, direta ou indireta, com pessoas com deficiência. Conforme dados do IBGE (2003) 14,5% da população nacional possuem alguma dificuldade, ou alguma incapacidade, de se locomover, enxergar, ouvir ou com alguma deficiência física, mental ou sensorial. Deste contingente quase a metade (48,1%) são deficientes visuais. Apesar disto, áreas acessíveis e adaptadas para esse grupo específico da população são poucas. Vimos assim que a inclusão cultural de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida torna-se um desafio às esferas públicas uma vez que é de extrema importância que eles sejam incluídos em locais públicos e também privados, ou seja, em todos os locais de uso coletivo.

As adaptações de ambientes culturais se tornam claramente necessárias quando se compreende que as atividades realizadas de natureza sensitiva permitem ao deficiente visual ou auditivo ultrapassar seus limites, aumentar sua autoestima e proporcionar maior socialização. A figura 3 apresenta o símbolo internacional para espaços de acesso aos visitantes de pessoas com deficiência auditiva (surdez):

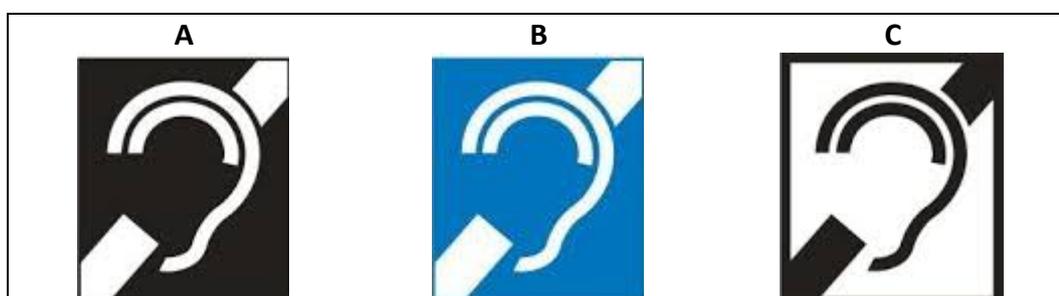


Figura 3: Símbolos internacional para espaços de acesso aos visitantes de pessoas com deficiência auditiva (surdez) de acordo com a ABNT – NBR – 9050 A) Branco com fundo preto; B) Branco com fundo azul e C) Preto com fundo branco

Fonte: ABNT <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/>

Para os surdos existe ainda o símbolo de acessibilidade em Libras criada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) com ou sem a assinatura do significado da

palavra Libras (Língua Brasileira de Sinais). É recomendado o uso da assinatura completa para informar a todo o público que ainda desconhece o significado dessa sigla: Libras. Já a assinatura de forma parcial é utilizada quando o público já conhece parcialmente o seu significado. Outra forma para quem já tem a familiaridade com o conhecimento do símbolo é a não aplicação da legenda.

O símbolo: “Acessível em Libras” apresenta uma diferença em relação ao símbolo que representa a deficiência auditiva, pois o novo símbolo criado faz referência ao conteúdo na Língua Brasileira de Sinais, tendo como foco o conteúdo acessível linguisticamente por meio da Libras, utilizada para tradução/interpretação da Língua de Sinais podendo refletir uma transposição para o Português ou vice-versa.

A imagem que representa o símbolo foi uma pesquisa inspirada no sinal da Libras. No símbolo o desenho da gola de uma blusa de cor azul, presença do interlocutor fluente na língua de sinais. Tal cor azul faz referência aos símbolos universais que representam acessibilidade. (Figura 4)



Figura 4: Símbolos de acessibilidade em Libras criado na Universidade Federal de Minas Gerais: A) com assinatura completa: é recomendado para informar ao público que desconhece o significado da sigla Libras; B) Assinatura parcial: uso recomendado quando o público já conhece a sigla Libras e C) sem assinatura: esta aplicação é recomendada quando direcionada a públicos que já tenham familiaridade com o símbolo.

Fonte: <https://www.ufmg.br/marca/libras>

Os símbolos utilizados nos Estados Unidos e na Inglaterra indicam a presença de intérprete da Língua de Sinais no departamento da instituição para o público visitante surdo. (Figura 5)

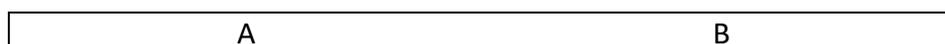




Figura 5: Símbolos Internacionais de Acessibilidade em Interpretação em Língua de Sinais.
Fontes: <http://www.see-a-voice.org/> e <http://www.ryerson.ca>

A língua de sinais é uma estrutura de forte representação na vida da comunidade e do sujeito surdo em seu pleno desenvolvimento. Sabemos que o cidadão surdo expressa o mundo de forma própria com as suas expressões faciais e corporais, usando as mãos para se comunicar, dessa forma evita-se usá-las desnecessariamente e exageradamente e, quando está se comunicando com outra pessoa surda, por polidez, sempre concentra sua atenção no rosto e olhos de seu interlocutor, uma vez que o desviar dos olhos pode representar desinteresse ou desrespeito.

O respeito à diferença e sua valorização faz-se presente em tais espaços uma vez que, não se vive num mundo homogêneo seguindo o mesmo padrão para todas as pessoas em termos de informação, cultura e comunicação. O olhar do museu precisa estar voltado para o convívio das diferenças.

Para a discussão das questões acerca da Acessibilidade aos Surdos e Cegos nos Museus e Centros Culturais as referências bibliográficas serão fundamentadas em textos de Zygmunt Bauman (2003) e Stuart Hall (2006) sobre assuntos como: “Minorias Sociais” e “Minorias Linguísticas” respectivamente. Assim como, questões de contextualização e discussões sobre o tema de “Inclusão” terão por referências textos de Karin Strobel (2008), Viviane Sarraf (2008, 2012 e 2013) e Virgínia Kastrup (2010).

2 HIPÓTESE E OBJETIVO DA PESQUISA

2.1 HIPÓTESE

Ter um Guia Acessível sobre a acessibilidade dos espaços culturais de museus e centros culturais auxilia os visitantes surdos e cegos ao acesso à cultura.

2.2 OBJETIVO GERAL

Produzir um guia acessível sobre o grau de acessibilidade para cegos e surdos nos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro.

2.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar um levantamento dos espaços culturais de museus e centros culturais da cidade do Rio de Janeiro que possuem acessibilidade para visitantes surdos e cegos.
- Produzir um guia acessível sobre o grau de acessibilidade para cegos e surdos nos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro

3 MATERIAL E MÉTODOS

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

O método de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2013) trata de uma informação com roteiro específico que se inicia com uma pré-análise (hipóteses e objetivo da pesquisa), após uma exploração do material pesquisado e o tratamento das interpretações e resultados. As regras da pesquisa são específicas: quantitativas e qualitativas.

Esta pesquisa é de natureza qualiquantitativa. Compreende-se metodologia como caminho a ser percorrido para alcance dos objetivos (MINAYO, 1994). É importante lembrar que as pesquisas quantitativas são sempre realizadas posteriormente a processos de qualificação das variáveis que se propõe investigar. A partir do momento em que as qualidades forem descritas, será possível quantificá-las.

O projeto de pesquisa terá como produto final, um guia prático elaborado com endereços, telefones, contatos dos museus e centros culturais do Rio de Janeiro acessíveis aos visitantes surdos e cegos. O Guia Acessível será um material impresso no sistema Braille e em tinta, já que a pesquisa será realizada a partir de um viés inclusivo entre as duas diversidades. O material impresso terá como prioridade, sua divulgação às instituições especializadas na educação especial e inclusiva das pessoas surdas e cegas.

3.2 PESQUISA DE CAMPO

Foi realizada uma busca através dos portais virtuais para identificar os museus e centros de cultura circunscritos no limite geográfico da pesquisa, a saber: ao leste próximos da Praça XV, ao sul no Aterro do Flamengo, a oeste na Praça Tiradentes, ao norte no Píer Mauá. Em seguida os museus e centros culturais localizados no centro do Rio de Janeiro, que serviram de base para a pesquisa de campo foram mapeados.

Definidos os museus a serem visitados foi montada uma agenda de visitas semanais, a fim de fazer o levantamento sobre onde e como os espaços atendem os públicos de forma inclusiva, ou seja, que tipo de recursos materiais, informação, comunicação e visitas são oferecidos aos mesmos.

A coleta de opiniões dos visitantes surdos e cegos, assim como dos coordenadores e/ou arte-educadores dos museus e centros culturais foi realizada com a utilização de técnicas de pesquisa de Marconi e Lakatos (2007), como: um planejamento sobre os tipos de perguntas; conhecimento prévio do entrevistado; oportunidade da entrevista e suas condições favoráveis; contato com líderes; conhecimento prévio de campo e a preparação específica.

3.3 COMITÊ DE ÉTICA

A Pesquisa intitulada: **Acessibilidade aos cegos e surdos nos museus e centros culturais do Rio de Janeiro** sob responsabilidade de Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira pertencente Instituição Proponente: Instituto de Biologia-UFF foi registrada sob o número CAAE: **19737613.2.0000.5243** com o Número do Parecer: **540.601** em 14/02/2014 (Data da Relatoria)

3.4 ROTEIRO PARA ENTREVISTA NOS MUSEUS.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO
Acessibilidade aos Surdos e Cegos nos Museus e Centros Culturais do
Centro do Rio de Janeiro.

Pesquisador Responsável: João Paulo Ferreira da Silva, Angelina Accetta Rojas e Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira
Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal Fluminense
Telefones para contato: (21) 26143320 - (21) 968113143 - (21) 988159774

O presente questionário tem como objetivo realizar um levantamento a respeito dos espaços acessíveis nos Museus e Centros Culturais da Cidade do Rio de Janeiro

O objetivo desta pesquisa é analisar a forma como os Museus e Centros Culturais do centro do Rio de Janeiro atendem os visitantes surdos e cegos. Avaliaremos os Programas de Ação Educativa e os Recursos de Multimídia utilizados nas exposições, e, como a informação e a comunicação dos Museus e Centros Culturais encontram-se estabelecidas na Língua de Sinais e no Áudio Guia. A pesquisa de campo será realizada através da entrevista dos arte-educadores e/ou coordenadores de cada instituição. Temos como meta produzir um Guia Acessível (no sistema Braille e em tinta) para divulgar os espaços inclusivos.

Nome da Instituição: _____
Departamento: _____

- O espaço encontra-se acessível aos Visitantes Surdos? () Não () Sim
Se sim, que tipo de acessibilidade está prevista para os visitantes surdos?
() Intérprete de Libras – Língua Brasileira de Sinais
() Educador Ouvinte Bilíngue – Português/Libras
() Educador Surdo usuário de Libras – Língua Brasileira de Sinais
() Recurso de SignoGuia
() Outros: _____

- O espaço encontra-se acessível aos Visitantes Cegos? () Não () Sim
Se sim, Que tipo de acessibilidade está prevista para os visitantes cegos?
() Folder e/ou Catálogo em Braille;
() Sistema de Braille nas Obras;
() Maleta pedagógica;
() Painel Tátil;
() Réplicas táteis das obras;
() Maquete Tátil do espaço;
() Visita Sensorial;
() Percurso Podotátil;
() ÁudioGuia;
() Áudio Descrição das Obras com Equipe Educativa;
() Outros: _____

Comentários livres _____

convite/questionário por e-mail. Após uma espera de mais de trinta dias não obtivemos retorno de algumas instituições o que nos levou a entrar em contato por telefone ao departamento responsável pelas visitas mediadas, ou pessoalmente. Das instituições que não atenderam a nossa solicitação inicial quatro encontravam-se fechadas, não havendo, portanto, a possibilidade de visita. O quadro 1 apresenta os Museus e Centros culturais mapeados para a realização desta pesquisa e os resultados dos contatos obtidos.

Quadro 1: Resultado dos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

Museus e Centros Culturais	Visita	Resposta da Pesquisa	Ligação para a Pesquisa	Fechados
Academia Brasileira de Letras	X		X	
Arquivo Nacional	X	X		
Caixa Cultural	X		X	
Casa França Brasil	X	X		
Centro Cultural Banco do Brasil	X	X		
Centro Cultural da Justiça Federal	X	X		
Centro Cultural da Light	X			
Centro Cultural da Memória Escoteira		X		
Centro Cultural dos Correios	X			
Centro Cultural Paço Imperial	X	X		
Centro de Artes Hélio Oiticica			X	
Espaço Cultural da Marinha		X		
Mar - Museu de Arte do Rio	X			
Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial	X		X	
Museu da Fazenda Federal				X
Museu da Justiça Do Estado Do Rio De Janeiro	X	X		
Museu da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro				X
Museu da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro			X	
Museu de Arte Moderna	X	X		
Museu de Arte Sacra	X	X		
Museu do CBMERJ	X	X		
Museu Histórico e Diplomático				X
Museu Histórico Nacional			X	
Museu Judaico do Rio de Janeiro	X			
Museu Nacional de Belas Artes	X	X		
Museu Naval		X		
Museu Negro			X	
Museu Penitenciário				X
Museu Pretos Novos	x	X		
Total:	18	14	07	04

Em síntese das 29 (vinte e nove) instituições selecionadas para a pesquisa 04 (quatro) encontraram-se fechadas, 14 (quatorze) responderam ao questionário impresso ou por e-mail sem a necessidade de uma visita in loco e 07 (sete) instituições responderam após contato telefônico, totalizando 29 (vinte e nove) instituições. Excluímos a partir deste ponto do trabalho as quatro instituições fechadas, portanto passaremos a trabalhar com 25 (vinte e cinco) instituições.

Com base nos questionários respondidos, identificamos uma instituição cultural que agrega ao seu setor educativo metodologias de mediação acessível aos cegos e aos surdos. Nenhuma atende apenas aos surdos, 21 (vinte uma) instituições apresentam recursos para cegos e 04 (quatro) não possuem nenhum tipo de atividade inclusiva de mediação aos cegos ou aos surdos. (Quadro 2)

Quadro 2: Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro com acessibilidade.

Museus e Centros Culturais	ACESSIBILIDADE		
	Surdos	Cegos	Nenhuma
Academia Brasileira de Letras		X	
Arquivo Nacional		X	
Caixa Cultural		X	
Casa França Brasil		X	
Centro Cultural Banco do Brasil	X	X	
Centro Cultural da Justiça Federal		X	
Centro Cultural da Light		X	
Centro Cultural da Memória Escoteira			X
Centro Cultural dos Correios		X	
Centro Cultural Paço Imperial		X	
Centro de Artes Hélio Oiticica		X	
Espaço Cultural da Marinha			X
Mar - Museu de Arte do Rio		X	
Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial		X	
Museu da Justiça Do Estado Do Rio De Janeiro		X	
Museu da Polícia Militar do Estado do Rio De Janeiro		X	
Museu de Arte Moderna		X	
Museu de Arte Sacra		X	
Museu do CBMERJ		X	
Museu Histórico Nacional		X	
Museu Judaico do Rio de Janeiro			X
Museu Nacional de Belas Artes		X	
Museu Naval			X
Museu Negro		X	
Museu Pretos Novos		X	
Total:	01	21	04

Entre as diversas formas de acessibilidade para surdos constatou-se, que a única instituição que apresenta atividades para este público possui apenas a presença de educador ouvinte-bilíngue demonstrando a dificuldade encontrada em atender adequadamente o público surdo o que por sua vez certamente dificultará sua interpretação dos elementos da arte e cultura nas instituições que se encontram no centro da cidade do Rio de Janeiro.

Quadro 3: Tipo de recurso de Acessibilidade aos Visitantes Surdos nos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

Museus e Centros Culturais	Intérprete de Libras	Educador ouvinte bilíngue	Educador surdo usuário de Libras	Recurso de SignoGuia	Outros
Academia Brasileira de Letras					
Arquivo Nacional					
Caixa Cultural					
Casa França Brasil					
Centro Cultural Banco do Brasil		X			
Centro Cultural da Justiça Federal					
Centro Cultural da Light					
Centro Cultural dos Correios					
Centro Cultural Paço Imperial					
Centro de Artes Hélio Oiticica					
Mar - Museu de Arte do Rio					
Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial					
Museu da Justiça Do Estado Do Rio De Janeiro					
Museu da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro					
Museu de Arte Moderna					
Museu de Arte Sacra					
Museu do CBMERJ					
Museu Histórico Nacional					
Museu Nacional de Belas Artes					
Museu Negro					
Museu Pretos Novos					
Total:	0	1	0	0	0

Quanto ao tipo de atendimento específico aos cegos nas instituições culturais, nenhuma instituição apresenta folders e/ou catálogos em Braille, uma (01) utiliza o Sistema de Braille nas obras; uma (01) apresenta uma Maleta pedagógica para o visitante cego. Três (03) instituições tem Painel tátil, outras três (03) apresentam réplicas táteis das obras e uma (01) uma Maquete tátil do espaço. A visita sensorial existe em três (03) instituições, em duas (02) há percurso podotátil, e duas (02) apresentam a possibilidade de audioguias.

O recurso utilizado pela totalidade das vinte e uma (21) instituições que atendem ao cego é a descrição das obras com Monitor da Instituição. Treze (13) instituições apresentaram outros recursos como, por exemplo, a autorização para tocar em algumas obras originais pela curadoria do Museu. No caso de obras de arte os monitores tipicamente realizam a descrição, (pintura, escultura), a composição das telas, das figuras representadas pelas esculturas e as técnicas utilizadas. (Quadro 4)

Uma segunda análise dos resultados nos apresenta a um cenário de que embora todos os vinte e um museus e centros culturais apresentem monitores, nenhum disponibiliza mais do que seis estratégias para os cegos. Assim temos um museu que disponibiliza seis recursos, dois que disponibilizam cinco recursos, um com quatro recursos, dois com três recursos, sete instituições disponibilizam dois recursos e as demais oito instituições apenas disponibilizam monitores para que o visitante possa apreciar as obras e atividades culturais.

Quadro 4: Resultado da Acessibilidade aos Visitantes Cegos nos Museus e Centros Culturais do Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

Museus e Centros Culturais	Folder e/ou catálogo em braile	Sistema de Braille nas obras	Maleta pedagógica	Painel tátil	Réplicas táteis das obras	Maquete tátil do espaço	Visita Sensorial	Percurso Podotátil	ÁudioGuia	Descrição das obras com monitor Institucional	Outros recursos
Academia Brasileira de Letras										X	X
Arquivo Nacional				X						X	X
Caixa Cultural										X	
Casa França Brasil										X	
Centro Cultural Banco do Brasil			X		X		X			X	X
Centro Cultural da Justiça Federal										X	X
Centro Cultural da Light				X				X		X	X
Centro Cultural dos Correios										X	
Centro Cultural Paço Imperial										X	
Centro de Artes Hélio Oiticica										X	
Mar - Museu de Arte do Rio				X		X	X	X		X	X
Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial										X	
Museu da Justiça Do Estado Do Rio De Janeiro										X	X
Museu da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro										X	X
Museu de Arte Moderna										X	X
Museu de Arte Sacra										X	X
Museu do CBMERJ										X	X
Museu Histórico Nacional									X	X	X
Museu Nacional de Belas Artes					X		X		X	X	X
Museu Negro										X	
Museu Pretos Novos										X	
Total:	0	1	1	3	3	1	3	2	2	21	13

5 DISCUSSÃO

Interessei-me pelo presente tema devido ao convite para integrar o Grupo de Acessibilidade-GA do Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB/RJ - 2008 a 2010. Fui considerado o primeiro educador fluente em Língua Brasileira de Sinais – Libras a atuar com os visitantes surdos. Durante a mediação de uma das visitas com os grupos de surdos, uma integrante era surdacega, recebia as informações pela Libras Tátil (é um sistema que corresponde a língua de sinais, porém de forma não alfabético, adaptado para o tato e uma forma tradicional utilizada pelas pessoas surdas).

Iniciei a minha colaboração com a referida monitora nas demais visitas, proporcionando mediações interativas nas quais os visitantes tinham a possibilidade de vivenciar a obras a partir de estratégias específicas. Percebi que a possibilidade real de inclusão àqueles surdos, cegos e surdocegos era limitado culturalmente, pois nem todos os espaços culturais da cidade se encontram preparados para recebê-los, segundo indagação e questionamento da própria visitante surdacega. Tal questionamento levou-me a pesquisar as instituições culturais da cidade que estão preparados para atender surdos e cegos. Dessa forma, estar no programa educativo do CCBB-RJ oportunizou-me aprofundar a pesquisa sobre acessibilidade nos museus e centros culturais (SARRAF,2008; TOJAL, 2007).

5.1 ACESSIBILIDADE AOS SURDOS NOS MUSEUS.

5.1.1 Acessibilidade em língua de sinais

Neste contexto abordaremos a questão de como a comunicação é utilizada nos museus e centros culturais para o público surdo usuário da língua de sinais. Há uma preocupação com a acessibilidade para esse público específico? Surdos e ouvintes vivem juntos em meio à falta de uma comunicação por questões que são linguísticas, tais sujeitos “interculturais” ou “multiculturais” encontram-se em um mesmo país de origem. Essa comunicação entre ambas as partes se torna muito difícil a partir do momento em que uma barreira linguística se faz presente pelas diferenças culturais. Logo, ao sermos sujeitos multiculturais, existem espaços culturais acessíveis aos dois: surdos e ouvintes? Como esses espaços encontram-se preparados para recebê-los? Existe falta ou comunicações aos

visitantes nas instituições culturais sejam para surdos ou ouvintes? Como é elaborado o trabalho para atender aos visitantes surdos usuários dessa língua de sinais? Essas perguntas não se referem aos visitantes estrangeiros nos museus e centros culturais, mas, os próprios surdos que sentem-se estrangeiros em seus países de origem uma vez que os espaços culturais nacionais não apresentam o acesso adequado à informação e comunicação como apresentamos nos nossos resultados. Museus e centros culturais que procuram atender em seus programas educativos diferentes formas para receber públicos visitantes estrangeiros em idiomas diferentes com profissionais bilíngues ou políglotas em diferentes línguas orais, deveriam também estar atentos a língua de sinais de seu próprio país.

Como apresentado anteriormente, a língua de sinais é uma das formas de produção de identidade e cultura do povo surdo. No entanto, muitas vezes pessoas que se consideram deficientes auditivas não se identificam como sujeitos surdos pertencentes à uma cultura surda. Estes geralmente, não conhecem a língua de sinais, e utilizam sua comunicação oral com os ouvintes.

Os surdos tiveram uma conquista muito grande com o reconhecimento da Lei (Lei de Libras). A língua da comunidade surda, não “linguagem” conhecida antes. A Libras é uma modalidade gestual-visual ou visuo-espacial. Mais uma vez, cito Strobel (2008):

Antes a história cultural dos povos surdos não era reconhecida, os sujeitos surdos eram vistos como deficientes, anormais, doentes ou marginais. Somente depois do reconhecimento da língua de sinais, das identidades surdas e, na percepção da construção de subjetividades, motivada pelos Estudos Culturais, é que começaram a ganhar força as consciências político-culturais. (STROBEL, 2008, p. 90)

Assim, torna-se lei reconhecer a língua de sinais em repartições públicas. O que cabe agora à comunidade surda é lutar pelos seus direitos em espaços culturais como museus e centros culturais, saindo assim do “anonimato”.

A LEI Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências:

“Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.”

A Lei foi aprovada desde 2002 – Lei de Libras, e poucos são os espaços que reconhecem e valorizam o respeito dos surdos. Os Programas Educativos dos museus que atendem os públicos de uma forma geral começam – mesmo sendo um número pequeno – o atendimento aos surdos pela língua de sinais.

A Lei N.º 10.098 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade, ampara os surdos em seus direitos:

“CAPÍTULO VII

DA ACESSIBILIDADE NOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E SINALIZAÇÃO

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra sub-titulação, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento.”

Embora a Lei da Acessibilidade seja reconhecida desde 2000, poucos são os espaços institucionais nacionais que utilizam da Libras para se comunicar aos surdos. Porém, do outro lado, as instituições que procuram atender aos surdos, passam a informar e tornam-se comunicáveis pela língua de sinais, permitindo ao visitante surdo uma autonomia em circular pelo espaço cultural acessível por encontrar na instituição o acesso ao amparo pela lei em sua língua.

5.1.2 EDUCADOR: BILÍNGUE, SURDO OU INTÉRPRETE?

Quando um Programa Educativo propõe atividades de acesso nos museus aos visitantes surdos, tais profissionais podem ser: um profissional ouvinte bilíngue em Libras e/ou um profissional surdo e/ou um profissional intérprete de Libras.

Profissional ouvinte bilíngue em Libras: é por sua vez o indivíduo que possui o conhecimento de dois idiomas: português como sua língua de origem e a Libras como segunda língua. Dessa forma, esse profissional estabelece um diálogo possível com os visitantes surdos.

Profissional surdo (usuário da Libras): é o indivíduo que expressa a comunicação através da sua língua: Língua Brasileira de Sinais.

Profissional intérprete de Libras: é aquele indivíduo que irá traduzir e interpretar uma língua para a outra: português - língua oral – para a língua de sinais – gestual-visual.

Cada instituição deve adequar-se da melhor forma possível para que o espaço seja acessível com profissionais e/ou recursos de multimídia que atendam aos públicos surdos (usuários da Libras) para que todos tenham acesso às informações culturais.

Após tal proposta, cabe aqui uma reflexão sobre o diálogo entre o visitante surdo e o educador ouvinte. Como será possível tal comunicação?

Muito embora os centros culturais e os museus brasileiros preocupados com o atendimento ao público visitante estrangeiro, sejam com os materiais impressos e/ou com legendas em inglês nos materiais de mídia em suas exposições. Os brasileiros surdos que visitam tais espaços, sentem-se indivíduos estrangeiros pela falta de acesso na língua de sinais. As instituições relacionadas à cultura das pessoas, deveriam estar mais atentas com

a acessibilidade aos surdos usuários da Libras, o reconhecimento da sua lei e também da lei da acessibilidade.

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (Figura 7) preparou sua equipe para receber os visitantes em seu departamento de Educação e Arte durante a exposição do artista Ron Mueck em 2014, porém nenhum educador estava apto para receber os visitantes surdos em Língua Brasileira de Sinais. Não foi estabelecido nenhuma iniciativa a respeito da acessibilidade cabendo ao próprio grupo de surdos levarem o seu intérprete. Assim, fui solicitado pelo referido departamento a interpretar a mediação em Libras para o grupo Gota de Niterói. Dessa forma, constatei a importância da inclusão cultural, aos quais as necessidades são atendidas: a recepção estética, a recepção afetiva-acolhedora, a integração social e, sobretudo, acessibilidade cultural objetivando a formação de capital cultural, valioso para a construção de identidades em constante elaboração.



Figura 7: Fachada do Museu de Arte Moderna/RJ e Visitantes Surdos do Gota – Grupo de Orientação Terapêutica pela Arte/Niterói, RJ para a Exposição de Ron Mueck.

Fonte: João Paulo Silva, 2014.

Com o objetivo de tornar o espaço acessível aos visitantes surdos, a Casa França Brasil do Rio de Janeiro, em parceria com a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, manifestou interesse de dar continuidade às metodologias de recepção acessível (Figura 8). As referidas instituições participaram da palestra do educador surdo Leonardo Castilho, do Museu de Arte Moderna de São Paulo, cujo Projeto “Igual Diferente” do Departamento Educativo e Acessibilidade, realiza a formação em artes para jovens surdos atuarem como monitores, em visitas às exposições da própria instituição e outras instituições de São Paulo mediadas pela Língua Brasileira dos Sinais, sem a necessidade de interpretação para os outros surdos.

Tal Projeto efetiva o trabalho com o público do museu, bem como as estratégias para efetivar as visitas guiadas às exposições em cartaz. O curso é anual, com duas aulas semanais. O Projeto revela a necessidade de vivência às exposições do MAM-SP, guiado por educadores surdos formados. Todo registro é composto por meio do Blog Corposinalizante – <http://corpo-sinalizante.blogspot.com> - realizado pelos próprios participantes do projeto, com o objetivo de difundir a prática inclusiva de mediação cultural.

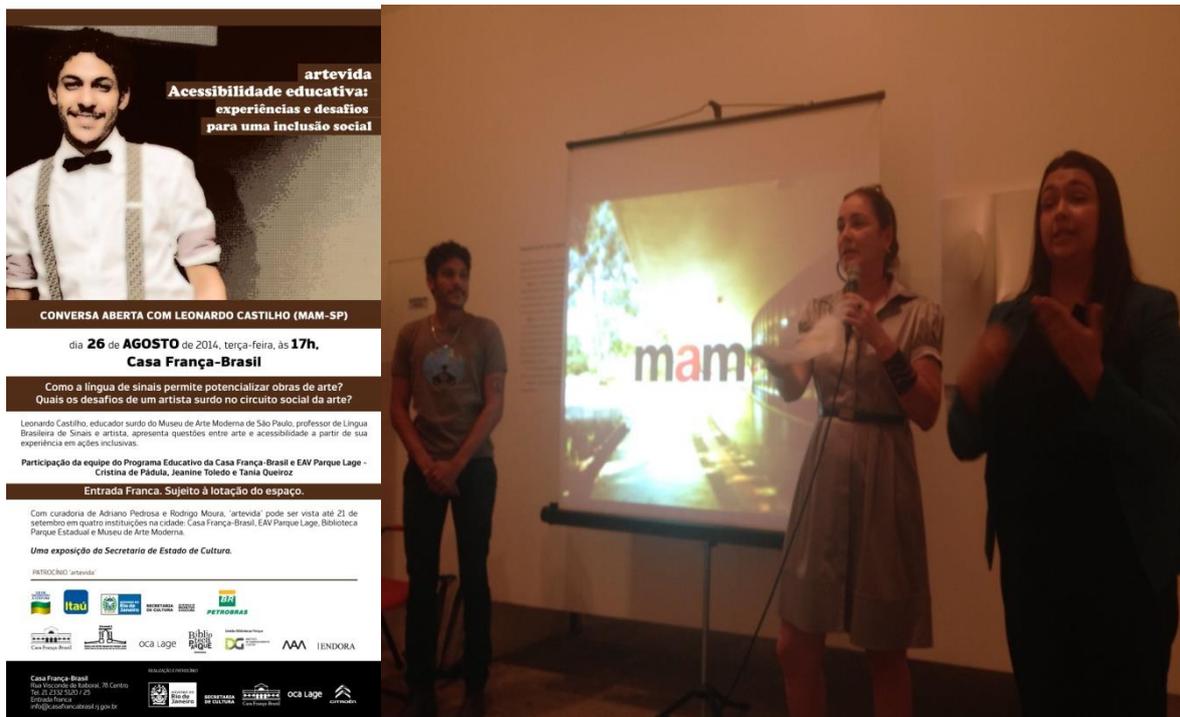


Figura 8: Casa França Brasil/RJ – Folder Informativo e Palestra com Leonardo Castilho (MAM-SP) sobre Acessibilidade Educativa para Surdos.

Fonte: João Paulo Silva, 2014.

5.2 ACESSIBILIDADE AOS CEGOS NOS MUSEUS.

5.2.1 ACESSIBILIDADE AO TOQUE E EM BRAILLE.

Assim como a acessibilidade em Língua de Sinais se faz presente para a comunidade surda, a utilização do sistema Braille de leitura se faz necessário para o público cego. Mas como apresentar essa acessibilidade de forma eficaz para a comunidade cega numa exposição?

Pesquisas e caminhos são apontados na busca de efetivar o direito de acesso aos cidadãos cegos pelas políticas de seus direitos ao conhecimento. Para Moraes e Kastrup

(2010, p. 52) “Entender a cognição das pessoas cegas em sua positividade, ou seja, analisar suas singularidades para além da visão negativa da deficiência, é um problema ao mesmo tempo teórico e político”. O caminho para a acessibilidade não se dá da noite para o dia. Questões políticas, podem fazer do projeto uma reorganização do espaço, o que requer custos e um desafio para a instituição. Através de parcerias com outros museus que experimentaram o programa de acessibilidade e de instituições de referência nacional no assunto em acessibilidade aos cegos, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo, pois em seu Programa de Acessibilidade e Ação Educativa Inclusiva: Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE promove o acesso de grupos de pessoas cegas, surdas e outras especificidades. (Figura 9)



Figura 9: Pinacoteca do Estado de São Paulo/SP – Pesquisa Técnica ao Programa Educativo para Públicos Especiais - PEPE.

Fonte: João Paulo Silva, 2012.

Se para o visitante cego essa possibilidade de reconhecer um trabalho com o toque não é vista em parceria do curador com o programa educativo, o que dirá de nós videntes em apreciar uma obra com as mãos apenas para perceber a sua textura. É exatamente essa falta de acesso que nos diz Dondis (1997, p. 71) “devido à limitação de nossa experiência tátil, com frequência somos incapazes de reconhecer uma textura”.

Sem a acessibilidade necessária a sua comunicação. Esse visitante irá retornar ao mesmo museu que o não atendeu? O que queremos dizer aqui não é deixar a exposição totalmente acessível ao público cego para que o mesmo toque em todas as obras e/ou tenha todas as legendas em Braille (claro que se isso fosse possível, essa sim seria uma

exposição acessível). Mas uma pesquisa por parte da equipe organizacional do museu poderia pensar como obter a acessibilidade de forma mais apreciativa ao visitante cego.

5.2.2 RECURSOS PARA ACESSIBILIDADE.

Apontaremos aqui alguns recursos de acessibilidade em ambientes culturais para pessoas cegas conforme ABNT.NBR 15599 (Acessibilidade – Comunicação na prestação de serviços) e ABNT.NBR 9050 (Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos):

5.2.2.1 Audiodescrição:

Consiste na descrição clara e objetiva de todas as informações visuais que não estão contidas no diálogo, como expressões faciais, gestos, ambientes, figurinos, mudanças de tempo, títulos. Seu objetivo é transformar em palavras as imagens. Como exemplo transcrevemos uma Audiodescrição da obra Aboporu, de 1928 da artista plástica brasileira Tarsila do Amaral (1886-1973) (Figura 10)



Abaporu é uma pintura, óleo sobre tela, com 85 centímetros de altura por 63 centímetros de largura. Está localizada no Museu de Arte Latino-americana de Buenos Aires (MALBA), na Argentina. É datada de 1928 e considerada símbolo do Movimento Modernista Brasileiro. Tarsila do Amaral, retratava a brasilidade moderna e colorida. Abaporu é sua obra mais representativa e uma das brasileiras mais valiosas no mercado de arte internacional. Alguns críticos sugerem que Abaporu, seria uma reescrita de O Pensador, de Auguste Rodin. O quadro apresenta uma figura solitária, monstruosa, pés imensos, sentada numa planície verde, o braço dobrado num joelho, a mão sustentando a pesopena da cabecinha-minúscula. Em frente, um cactus explodindo em uma enorme flor. Ao fundo, o céu azul, e o sol, um círculo amarelo, entre a figura e o cactus, de cor esverdeada. Essas cores, parecem remeter, intencionalmente, as cores da bandeira brasileira. Tarsila valorizou o trabalho braçal (corpo grande) e desvalorizou o trabalho mental (cabeça pequena) na obra, pois era o trabalho braçal que tinha maior impacto naquela época. Essa representação, sugere o homem plantado na terra. É a figura de pés grandes, plantados no chão brasileiro, sugerindo a ideia da terra, do homem nativo, selvagem, antropófago, como o próprio nome Abaporu indica, em sua tradução, do tupi-guarani, homem que come carne humana.

Figura 10: Imagem da obra Abaporu, 1928 - Óleo sobre Tela (85x73) de Tarsila do Amaral (1886-1973) e sua descrição ao lado. Obra do Museu Latino Americano de Buenos Aires – MALBA. Fonte: Site <http://artedescria.blogspot.com.br>

5.2.2.2 Áudioguia

Sistema eletrônico que permite fazer um tour personalizado em ambientes culturais fornecendo informações históricas e técnicas. (Figura 11)

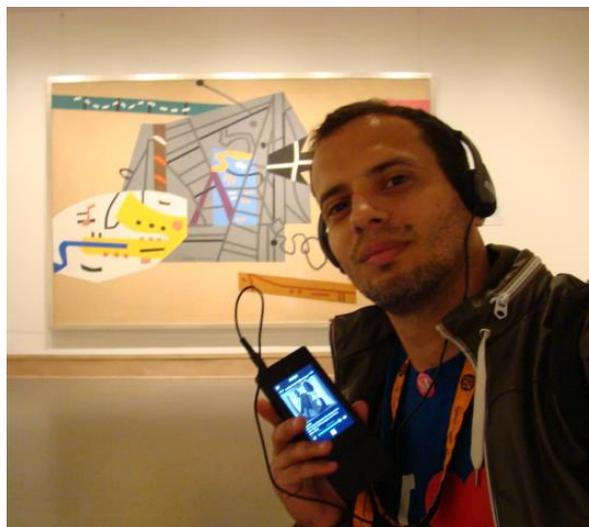


Figura 11: João Paulo Silva com a utilização do Áudioguia no Metropolitan Museum of Art, NY. Fonte: João Paulo Silva, 2012.

5.2.2.3 Mapas Táteis:

Os mapas táteis apresentam texturas, linhas de relevo e cores diferenciadas, utilizadas para informar, orientar e localizar objetos e lugares. (Figura 12)



Figura 12: Museu Light de Energia/RJ – Painel Informativo em Braille.
Fonte: João Paulo Silva, 2014.

5.2.2.4 Réplicas em escala reduzida:

São unidades de peças ou maquetes, como meio de transmissão de informações a respeito do ambiente com detalhes de peças museais e outros. (Figura 13)



Figura 13: Museu de Arte do Rio/RJ – Legenda em Braille da Maquete Tátil do Museu para os Visitantes Cegos.
Fonte: João Paulo Silva, 2014.

As maquetes apresentadas nos museus para a acessibilidade são de uso exclusivo aos visitantes cegos. Durante a pesquisa de campo, os alunos (cegos e videntes) da disciplina do mestrado em psicologia: “Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade” da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ junto com a Professora Dr^a. Virgínia Kastrup, tiveram a oportunidade de tocar na maquete tátil. (Figuras 14 e 15)



Figura 14: Museu de Arte do Rio/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade de Psicologia da UFRJ com a Professora Dr^a. Virgínia Kastrup.
Fonte: João Paulo Silva, 2014.



Figura 15: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Reprodução Tátil da Composição Artística de Salvador Dalí e Roy Lichtenstein na Estação Sensorial do Programa Educativo.
Fonte: João Paulo Silva, 2014.

5.2.2.5 Sinalização tátil no piso

O piso tátil ou podotátil apresenta texturas com cores diferenciadas e orienta o caminho (percurso), assim como, sinaliza os desníveis do espaço. (Figura 16)



Figura 16: Museu Light de Energia – Painel Informativo em Braille e Piso Podotátil no interior do Museu.

Fonte: João Paulo Silva, 2014.

5.2.2.6 Textos em Braille:

O código Braille apresenta seis pontos em relevo com 63 combinações que representam letras do alfabeto e sinais de pontuação. Possibilitando os textos pelo tato de forma legível e a aquisição da correta ortografia. (Figura 17)



Figura 17: Catálogo em Braille do Festival Assim Vivemos – Centro Cultural Banco do Brasil/RJ.

Fonte: João Paulo Silva, 2012.

5.2.2.7 Texturas diferenciadas:

As texturas diferenciadas permitem a recepção de mensagens (textos, imagens, gráficos, tabelas, pictogramas, etc.) pelo tato. (Figura 18)



Figura 18: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ na obra de Vladimir Yankilevsky de 1987. Fonte: João Paulo Silva, 2014.

Além dos recursos orientados pela ABNT.NBR 15599 e ABNT.NBR 9050, as instituições podem usar de sua criatividade em realizar uma acessibilidade eficaz com recursos disponíveis como:

5.2.2.8 Maleta pedagógica:

As maletas pedagógicas são materiais produzidos por parte do programa educativo direcionado aos visitantes cegos na hora do agendamento das visitas ao espaço para explorar os sentidos do visitante cego em relação à exposição, como: audição, paladar, tato e olfato. (Figura 19)



Figura 19: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ com educadores do programa educativo. Fonte: João Paulo Silva, 2014.

Durante a visita do grupo da UFRJ com a orientação da Professora Virgínia Kastrup ao espaço do Centro Cultural Banco do Brasil, os educadores do programa educativo utilizaram o recurso do notebook como meio para estimular o sentido ao reproduzir uma música do estilo Hip Hop em frente à obra de arte do artista Jean-Michel Basquiat.

5.2.2.9 Percurso Tátil (temporária ou permanente):

A concepção do percurso tátil é a da construção de um espaço em que as obras expostas em cartaz ou do acervo da instituição possam ser tocadas por todas as pessoas: crianças, adultos e cegos.

O Museu Nacional de Belas Artes - MNBA/RJ de 2014 a 2015 apresenta a exposição “Ver e Sentir Através do Toque” como objetivo de divulgar o material feito para o Projeto, não só para visitantes cegos, mas para os videntes também. A exposição tem a parceria da Secretaria da Pessoa com Deficiência da Prefeitura do Rio de Janeiro. (Figura 20)



Figura 20: Museu Nacional de Belas Artes – MNBA/RJ. Exposição Ver e sentir através do toque. Fonte: João Paulo Ferreira da Silva, 2015.

Em 2009 o Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB/RJ elaborou com sua equipe de educadores do Grupo de Acessibilidade a Estação Sensorial durante a exposição Virada Russa não só para os cegos. (Figura 21)



Figura 21: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Estação Sensorial durante a exposição Virada Russa. Fonte: João Paulo Silva, 2009.

Enfim, essas são apenas algumas das formas de acessibilidade, embora existam outras, mas apenas pesquisando o interesse do seu público o espaço poderá se adaptar da melhor forma dando o suporte necessário ao seu visitante. Isso fará com que o número de visitantes aumente cada vez mais. O espaço se torna acessível e ao mesmo reconhecido por parte das comunidades e faz-se valer a Lei de nº 10.098/94 – sobre acessibilidade.

Constatei que é um desafio por parte da maioria dos departamentos educativos dos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro estar aberto ao diálogo sobre acessibilidade para os visitantes surdos e cegos. Dessa forma, quando discuto o acesso aos visitantes surdos, estou priorizando o reconhecimento da Libras para a cultura da comunidade surda, assim como recurso de informação sensorial aos visitantes cegos em relação ao toque. Espero que essa pesquisa diminua a barreira inclusiva entre os museus e os centros culturais para tais públicos.

As instituições do CCBB, LIGHT, MAR e MNBA, desenvolvem em seu programa educativo uma maior possibilidade de recursos oferecidos aos visitantes cegos ao acesso à cultura. Dentro de suas equipes, os departamentos procuram capacitar seus educadores para o atendimento com o grupo de acessibilidade, assim como estabelecer parcerias e desenvolver estratégias para tornar o espaço mais acessível. Essas possibilidades de tornar o espaço acessível possibilitam às instituições de repensar o seu papel social perante a diversidade.

5.2.3 EDUCADOR: CEGO OU VIDENTE?

Quando falamos de um educador para o trabalho no departamento educativo de um museu com o público cego, muito se pensa em ter na equipe uma pessoa vidente (como são chamados os que enxergam). Mas como tornar o espaço acessível ao cego sem ter a experiência e a prática tátil de uma pessoa cega na própria instituição? Poderia o melhor caminho para essa acessibilidade ter em sua equipe uma pessoa cega?

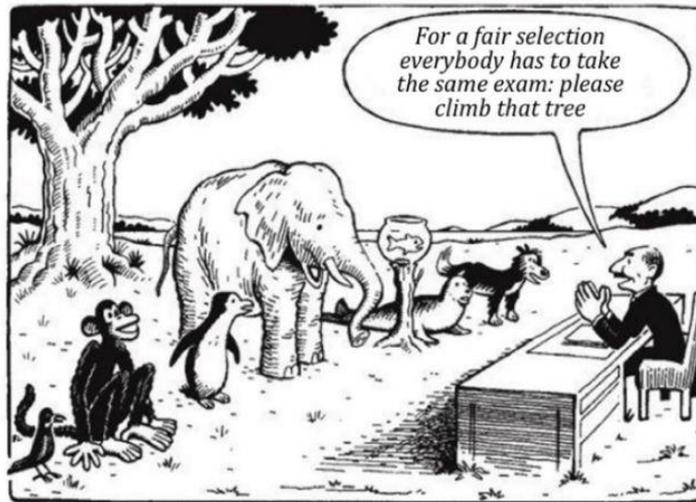
Foi pensando nessa acessibilidade que o departamento do Programa Educativo do Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro teve a iniciativa em ter em sua equipe de educadores a Camila Araújo, uma educadora cega que se localiza pelo espaço do Centro Cultural com o seu cão-guia. Dessa forma, para que possamos entender como é o trabalho

de um educador cego no museu, apresentaremos a entrevista com a arte-educadora Camila Araújo. (Figura 22)



Figura 22: Centro Cultural Banco do Brasil/RJ – Visita Sensorial com os Alunos da Disciplina Cognição, Deficiência Visual e Acessibilidade da UFRJ com a educadora Camila Araújo.
Fonte: João Paulo Silva, 2014.

Muitos programas educativos optam por terem em suas equipes pessoas videntes para desenvolverem trabalhos de acessibilidade para o público cego. Nesse espaço apresentado, podemos observar que houve uma iniciativa em ter na equipe uma educadora cega, mas mesmo após o seu contrato a exposição não se mostrou adequadamente acessível. Podemos discutir alguns aspectos que levaram a esta constatação. Os curadores ao organizarem suas exposições, ainda não pensam em acessibilidade de forma significativa. A integração entre curadoria e o programa educativo efetivamente não mudou. Esses são pontos críticos que necessitam de mudanças e se fazem necessários ao trabalho de acessibilidade plena para todos os visitantes. Acreditamos que a universalização do acesso só vai ocorrer de forma plena quando tanto visitantes como organizadores se desprenderem de seus respectivos pré-conceitos em relação as expectativas do outro a semelhança da frase de Albert Einstien que diz “ em princípio todos são gênios, no entanto se você julgar um peixe por sua habilidade de subir em árvores este sempre acreditará que é um estúpido” (Figura 23). Ou seja, se uma criança surda ou cega for avaliada como ouvinte ou vidente respectivamente, e sistematicamente não se sair bem, poderá acreditar que é uma pessoa incapaz.



Our Education System

"Everybody is a genius. But if you judge a fish by its ability to climb a tree, it will live its whole life believing that it is stupid."

- Albert Einstein

Figura 23 Charge demonstrando o efeito da mesma oportunidade para todos.
Fonte: autor desconhecido <https://www.psychologytoday.com>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 CONCLUSÕES

Concluimos que

1. A acessibilidade para os cegos é maior do que para os surdos nos museus e centros culturais do centro da cidade do Rio de Janeiro.
2. A produção de um Guia Acessível sobre a acessibilidade para visitantes surdos e cegos dos museus e centros culturais do centro do Rio de Janeiro é viável.

6.2 PERSPECTIVAS

Vimos que oportunizar o acesso às obras de arte (tátil/visual) é uma das questões das políticas de acessibilidade que precisa de enfrentamento, orientação e estrutura metodológica, no qual o cuidado e a percepção são pontos fundamentais para a construção do conhecimento, bem como da autoestima, através da arte para todos. Pensar na idéia de Museu inclusivo estabelece uma forma nova de entendermos respostas culturais oferecidas como visitas ao trabalho com a diversidade. Em museus e instituições culturais se aprende, se sente, se contextualiza conhecimento e cultura. Assim a perspectiva de acessibilidade cultural objetiva a visibilidade do atendimento ao público especial de forma significativa.

Para tanto, há a necessidade de atualização bienal do GUIA DOS MUSEUS E CENTROS CULTURAIS DO RIO DE JANEIRO AOS VISITANTES SURDOS E CEGOS, que integra esta pesquisa. Como outra ação a ser buscada é a ampliação da abrangência do guia, inicialmente para a área metropolitana do Rio de Janeiro e estimular a criação de guias semelhantes em outras áreas que congregam Museus e Centros de Cultura.

Como desdobramento intelectual avaliar o impacto do guia será um desafio bem como conscientizar as instituições culturais da importância de agregar estratégias mediadoras e receptivas, cumprindo a legislação vigente no território nacional, assim como em normas, recomendações e tratados internacionais. De modo especial, no Estatuto de Museus, Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arte Descrita - Visitado em 03/04/2015. Site: <http://artedescrita.blogspot.com.br/>

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2013.

BAUMAN, Zygmund. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. *Acessibilidade a Museus*. Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. 190 p. ; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.2).

DONDIS, A. *A sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FIGUEIREDO, José Carlos. *Comunicação sem fronteiras: da Pré-História à era da informação*. / Participação de Vera Giangrande. São Paulo: Ed. Gente, 1999.

GITAHY, Ana Maria. *Artes Visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas do Instituto Rodrigo Mendes*. Colaboradores: José Carvalho e Rodrigo Hübner Mendes. São Paulo: Petrópolis, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Visitado em 04/07/2015. Site: <http://www.ibge.gov.br>

KASTRUP, Virginia. *Experiência estética para uma aprendizagem inventiva: notas sobre o acesso de pessoas cegas a museus*. Informática na educação: teoria & prática 13, no. 2. Porto Alegre, 2010. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/InfEducTeoriaPratica/article/view/12463> - Acesso em: 16 Jul. 2015.

KASTRUP, Virgínia. O lado de dentro da experiência: atenção a si mesmo e produção de subjetividade numa oficina de cerâmica para pessoas com deficiência visual adquirida. **Psicol. Cienc. Prof.**, Brasília, v. 28, n. 1, mar. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 Jul. 2015.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 6ªed. São Paulo. Atlas, 2007.

MINAYO, M.C. *O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica*. In: JOVCHELOVITCH, S.; GUARESCHI, P. (Orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia (Orgs.). *Exercício de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: NAU, 2010.

O'DOHERTY, Brian. *No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte*. Trad. Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2002. - (Coleção a).

BRASIL, 2009. Estatuto de Museus - Lei Federal nº 11904/2009 – Visitado em: 16/07/15. Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm

BRASIL, 2000. Lei de Acessibilidade - Lei Federal nº 10098/2000 – Visitado em: 16/07/15. Site: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L10098.htm

BRASIL, 2002. Lei da Língua Brasileira de Sinais - Lei Federal nº 10436/2002 – Visitado em: 16/07/15. Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm

QUADROS, Ronice Müller de. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp. - Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

Ryerson University – Visitado em 03/07/2015. Site: <http://www.ryerson.ca>

SARRAF, Viviane Panelli. *A Comunicação dos sentidos nos espaços culturais brasileiros: estratégias de mediações e acessibilidade para as pessoas com suas diferenças*. São Paulo, 2013. / Tese (Doutorado – Comunicação e Semiótica) Orientador: Prof. Dr. Norval Baitello Junior.

SARRAF, Viviane Panelli. *Acessibilidade para pessoas com deficiência em espaços culturais e exposições: inovação no design de espaços, comunicação sensorial e eliminação de barreiras atitudinais*. In CARDOSO, Eduardo; CUTY, Jeniffer. *Acessibilidade em ambientes culturais*. (Org.) - Porto Alegre: Marca Visual, 2012.

SARRAF, Viviane Panelli. *Reabilitação do Museu: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade*. São Paulo: V. Sarraf, 2008. 180p.: Il. / Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciência da Informação/Escola de Comunicações e Artes/USP. Orientador: Prof. Dr. Titular Martin Grossmann.

Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - Visitado em 05/05/2015. Site: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br>

See a Voice – Logo da British Sign Language interpretation – Visitado em 03/07/2015. Site: <http://www.see-a-voice.org/marketing-cap/effective-communication/logos/>

THOMA, Adriana da Silva; PELLANDA, Nize Maria Campos. *As novas tecnologias como mediadoras nos processos de in/exclusão dos surdos na escola e na sociedade*. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 119-138, jan. 2006. ISSN 2175-795X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10544>>. Acesso em: 16 Jul. 2015.

SKLIAR, Carlos. *A Surdez: um olhar sobre as diferenças*. Org. de Carlos Skliar. 3ª ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2005.

SKLIAR, Carlos. *Bilinguismo e biculturalismo: uma análise sobre as narrativas tradicionais na educação dos surdos*. *Revista Brasileira de Educação*, nº.: 08 – Maio/Jun/Jul/Ago, p. 44-57, 1998.

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus*. PhD diss., Universidade de São Paulo, 2007.

Universidade Federal de Minas Gerais – Visitado em 07/05/2015. Site: <https://www.ufmg.br/marca/libras>

VYGOTSKY, L. S. *Obras Escogidas*. Volume V, Fundamentos de Defectologia, Madrid: Visor, 1997.

8 APÊNDICES E ANEXOS

8.1 APÊNDICE:

8.1.1 PRODUTO DO MESTRADO:



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
Curso de Mestrado Profissional em
Diversidade e Inclusão (CMPDI)

Guia dos Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro aos
Visitantes Surdos e Cegos.



JOÃO PAULO FERREIRA DA SILVA
ANGELINA ACCETTA ROJAS
GERLINDE AGATE PLATAIS BRASIL TEIXEIRA



Niterói

2015

Um Guia para a Acessibilidade dos Surdos e Cegos.

Esse guia é um mapeamento dos museus e centros culturais do Centro do Rio de Janeiro tendo como limites a Praça XV, ao leste, o Aterro do Flamengo, ao sul, a Praça Tiradentes ao oeste e o Píer Mauá ao norte.

Que este produto facilite aos visitantes o acesso aos museus e centros culturais em sua produção de conhecimento.

João Paulo Ferreira da Silva

Agradecemos a valiosa parceria das seguintes instituições:

- **Centro de Apoio Pedagógico para Atendimento às Pessoas com Deficiência Visual**
- **Espaço UFF de Ciências da Universidade Federal Fluminense**
- **Núcleo de Arte e Cultura da UNILASALLE**

ACESSIBILIDADE PARA SURDOS E CEGOS:



CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL - CCBB

**Rua Primeiro de Março, 66 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20010-000**

**Funcionamento: Quarta a segunda
das 09h às 21h.**

Telefone: (21) 3808-2020

Site: <http://culturabancodobrasil.com.br>

Visitas Mediadas - Programa Educativo:

Telefones: (21) 3808-2070/2254.

Ou dirigir-se ao Primeiro Andar.

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - ABL

**Av. Pres. Wilson, 203 – Castelo
Rio de Janeiro, RJ.**

CEP: 20030-021

**Funcionamento: Segunda a sexta
das 09h às 18h.**

Telefone: (21) 3974-2500

Site: <http://www.academia.org.br>

Visitas ao Patrimônio Agendar:

Telefone: (21) 3974-2500

Segundas, Quartas e Sextas às 14h.

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



ARQUIVO NACIONAL

**Praça da República, 173 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20211-350**

**Funcionamento: Segunda a sexta
das 8h30 às 17h.**

**Telefone: (21) 2179-1228
Site: <http://www.arquivonacional.gov.br>**

**Visitas ao Patrimônio:
Telefone: (21) 2179-1228**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CAIXA CULTURAL

**Av. Almirante Barroso, 25 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20031-003**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 10h às 21h.**

**Telefone: (21) 3980-3815
Site: <http://www.caixacultural.com.br>**

**Agendamento para Grupos:
Telefone: (21) 3980-3815**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CASA FRANÇA BRASIL

**Rua Visconde de Itaboraí, 78 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20010-060**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 10h às 20h.**

Telefone: (21) 2332-5120

Site: <http://www.casafrancabrasil.rj.gov.br>

Agendamento para Grupos:

Telefone: (21) 2332-5120

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CENTRO CULTURAL DA JUSTIÇA FEDERAL - CCJF

**Av. Rio Branco, 241 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20040-009**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 12h às 19h.**

**Telefone: (21) 3261-2550
Site: <http://www10.trf2.jus.br/ccjf>**

**Visitas com o Setor Educativo:
Telefone: (21) 3261-2552**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CENTRO CULTURAL DA LIGHT

**Av. Marechal Floriano, 168 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20080-002**

**Funcionamento: Segunda a sexta
das 11h às 17h.**

**Telefone: (21) 2211-4420
Site: <http://www.cultura.rj.gov.br/espaco/centro-cultural-light>**

**Agendamentos somente no site:
<http://www.museulight.com.br/visitacao>**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CENTRO CULTURAL DOS CORREIOS - CCC

**Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20010-976**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 12h às 19h.**

**Telefone: (21) 2253-1580
Site: <http://www.correios.com.br>**

**Agendamento para Grupos:
Telefone: (21) 2253-1580**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CENTRO CULTURAL PAÇO IMPERIAL

**Praça Quinze de Novembro, 48 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.**

CEP: 20010-010

**Funcionamento: Terça a domingo
das 11h às 18h.**

Telefone: (21) 2533-4359

Site: <http://www.pacoimperial.com.br/>

Agendamento para Grupos:

Telefone: (21) 2533-4359

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



CENTRO MUNICIPAL DE ARTE HÉLIO OITICICA

Rua Luís de Camões – Centro

Rio de Janeiro – RJ

CEP: 20060-030

Funcionamento: Terça a sexta

das 11h às 18h.

Sábados, domingos e feriados das 11h às 17h.

Telefone: (21) 2242-1012

Agendamento para Grupos:

Telefone: (21) 2242-1012

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU DE ARTE DO RIO - MAR

**Praça Mauá, 5 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20081-240**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 10h às 17h.**

**Telefone: (21) 3031-2741
Site: <http://www.museudeartedorio.org.br>**

**Visita Acessível:
Telefone: (21) 3031-2742**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MONUMENTO NACIONAL AOS MORTOS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL - MNMSGM

**Avenida Infante Dom Henrique, 75 - Glória,
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20021-140**

**Funcionamento: Terça a domingo
das 09h às 17h.**

**Telefone: (21) 2240-1283
Site: <http://www.mnmsgm.ensino.eb.br/>**

**Agendamento para Grupos:
Telefone: (21) 2240-1283**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro

Rua Dom Manuel, 29 – Centro

Rio de Janeiro, RJ.

CEP: 20010-090

Funcionamento: Segunda a sexta

das 10h às 18h.

Sábado de 12h às 17h.

Telefone: (21) 3133-3814

Site: <http://www.tjrj.jus.br>

Agendamento para Grupos:

Telefone: (21) 3133-3814

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU DA POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - PMERJ

**Rua Marquês de Pombal, 128 – Cidade Nova
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20230-240**

**Funcionamento: Terça a sexta
das 09h às 16h.**

Telefone: (21) 2242-4059

**Agendamento para Grupos:
Telefone: (21) 2242-4059**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU DE ARTE MODERNA - MAM

**Av. Infante Dom Henrique, 85
Parque do Flamengo - Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20021-140**

**Funcionamento: Terça a sexta
das 12h às 18h.
Sábado, domingo e feriado
das 11h às 18h.**

**Telefone: (21) 3883 5600
Site: <http://mamrio.org.br>**

**Agendamento Educação e Arte:
Telefone: (21) 3883 5611**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU ARQUIDIOCESANO DE ARTE SACRA

**Avenida Chile, 245 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20031-170**

**Funcionamento: quartas-feiras
das 09h às 12h e 13h às 16h.
Sábado e domingo
das 09h às 12h.**

**Telefone: (21) 2240-2869
Site: <http://www.catedral.com.br>**

**Agendamento:
Telefone: (21) 2240-2869**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



**Museu Histórico do Corpo de Bombeiros
Militar do Estado do Rio de Janeiro – CBMERJ**

**Praça da República, 45 - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP 20.211-350**

**Funcionamento: Terça à sábado
das 09h às 17h**

**Telefone: (21) 2333-3104
Site: <http://www.museu.cbmerj.rj.gov.br>**

**Agendamento:
Telefone: (21) 2333-3133**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU HISTÓRICO NACIONAL - MHN

**Praça Marechal Âncora, S / nº - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20021-200**

**Funcionamento: Terça à sexta
das 10h às 17h30
Sábados, domingos e feriados das 14h às 18h.**

Telefone: (21) 3299-0324

Site:

<http://www.museuhistoriconacional.com.br>

Agendamento Educativo:

Telefone: (21) 3299-0360

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES - MNBA

**Avenida Rio Branco, 199 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20040-008**

**Funcionamento: Terça à sexta
das 10h às 18h.
Sábados, domingos e feriados das 12h às 17h.**

**Telefone: (21) 3299-0600
Site: <http://www.mnba.gov.br>**

**Agendamento Ação Educativa:
Telefone: (21) 3299-0636**

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU NEGRO

**Rua Uruguaiana, 77 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20050-094**

**Funcionamento: Segunda à sexta
das 08h às 13h e 14h às 17h.**

Telefone: (21) 2224-2900

Site:

<http://www.irmandadedoshomenspretos.org.br>

Agendamento:

Telefone: (21) 2224-2900

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

ACESSIBILIDADE PARA CEGOS



MUSEU PRETOS NOVOS

**Rua Pedro Ernesto, 36 – Gamboa
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20220-350**

**Funcionamento: Segunda a sexta
das 09h às 17h.**

Telefone: (21) 2516-7089

Site: <http://www.pretosnovos.com.br/>

Agendamento:

Telefone: (21) 2516-7089

SEM ACESSIBILIDADE PARA SURDOS

CENTRO CULTURAL DA MEMÓRIA ESCOTEIRA – CCME

**Rua Primeiro de Março, 112 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20010-000**

**Funcionamento: Segunda à sexta
das 10h às 18h.
Sábados e domingos Agendamento Prévio.**

**Telefone: (21) 2233-9338
Site: <http://www.ccme.org.br/>**

**Agendamento:
Telefone: (21) 2233-9338**

SEM ACESSIBILIDADE PARA CEGOS E SURDOS

ESPAÇO CULTURAL DA MARINHA

**Av. Alfred Agache, S/N – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20020-010**

**Funcionamento: Terça à domingo
das 12h às 17h.**

**Telefone: (21) 2104-6721
Site: <http://www.mar.mil.br>**

**Agendamento:
Telefone: (21) 2532-5992 ou 2233-9165**

SEM ACESSIBILIDADE PARA CEGOS E SURDOS

MUSEU JUDAICO DO RIO DE JANEIRO - MJRJ

Rua do México, 90 – Centro

Rio de Janeiro, RJ.

CEP: 20031-141

**Funcionamento: Segunda à quinta
das 10h às 16h
sexta das 10h às 14h.**

Telefone: (21) 2524-6451

Site: <http://www.museujudaico.org.br/>

Agendamento:

Telefone: (21) 2240-1598

SEM ACESSIBILIDADE PARA CEGOS E SURDOS

MUSEU NAVAL

**Rua Dom Manuel, 15, Praça XV, Centro
Rio de Janeiro, RJ
CEP: 20.010-090**

**Funcionamento: Terça à domingo
das 12h às 17h
Sábados e domingos das 11h30 e 14h.**

**Telefone: (21) 2532-5992
Site: www.dphdm.mar.mil.br**

**Agendamento:
Telefone: (21) 2532-5992**

SEM ACESSIBILIDADE PARA CEGOS E SURDOS

MUSEU DA FAZENDA FEDERAL

**Avenida Presidente Antônio Carlos, 375 –
10º andar - Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20020-010**

**Funcionamento: Segunda à sexta
das 09h às 16h.**

Telefone: (21) 3805-2003/2004

Agendamento:

Telefone: (21) 3805-2002

MUSEUS FECHADOS PARA REFORMA SEM RESPOSTA DE ACESSIBILIDADE

**MUSEU DA POLÍCIA CIVIL DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Rua da Relação, 40 – Centro
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20231-110**

**Funcionamento: Segunda à sexta-feira
das 11h às 17h30**

Telefone: (21) 2232-0497

Site: <http://www.policiacivil.rj.gov.br/museu>

Agendamento:

Telefone: (21) 2232-0497

MUSEUS FECHADOS PARA REFORMA SEM RESPOSTA DE ACESSIBILIDADE

MUSEU HISTÓRICO E DIPLOMÁTICO - MHD

Avenida Marechal Floriano, 196 – Centro

Rio de Janeiro, RJ.

CEP: 20080-002

**Funcionamento: Segundas, quartas e sextas
das 14h às 17h.**

Telefone: (21) 2253-2828

Agendamento:

Telefone: (21) 2253-7691

MUSEUS FECHADOS PARA REFORMA SEM RESPOSTA DE ACESSIBILIDADE

MUSEU PENITENCIÁRIO

**Rua Senador Dantas, 15 - 7ºAndar – Cinelândia
Rio de Janeiro, RJ.
CEP: 20031-202**

**Funcionamento: Segunda à sexta
das 10h às 16h30**

Telefone: (21) 2332-8209

Agendamento:

Telefone: (21) 2332-8210

MUSEUS FECHADOS PARA REFORMA SEM RESPOSTA DE ACESSIBILIDADE

8.2 CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Instituto de Biologia



Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão



Espaço UFF de Ciências

Niterói, ____/____/____

Departamento Educativo,

Na função de orientadora do mestrando João Paulo Ferreira da Silva, Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense/RJ, com o tema “Acessibilidade aos Museus do centro da cidade do Rio de Janeiro” venho por meio de esta solicitar-lhe a autorização para a realização da pesquisa de campo nesta instituição, bem como o direito de imagem, com o objetivo de mapear os Museus do Centro da cidade do Rio de Janeiro acessíveis ao público Surdo e Cego.

Ressalto que a característica deste mestrado profissional é o de produzir, ao final do curso, um material que ressoe às necessidades encontradas na interação teoria-prática. Dessa forma, com base na pesquisa de campo, será elaborado um Guia Acessível com endereços e dados para acesso às instituições, impresso em tinta e Braille.

Agradecemos a colaboração, na certeza de unirmos ações que reflitam na qualidade da educação inclusiva, bem como na cultura que agrega a diferença em prol de uma sociedade mais justa e fraterna.

Atenciosamente:

Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira

CMPDI
Profa Cristina Delou
Alameda Barros Terra s/n
Campus do Valonguinho
Centro Niterói,
+55 21 26292375

EUFFC
Profa Gerlinde Teixeira
Rua Jansen de Melo, 174
Campus do Mequinho
Centro Niterói
+55 21 2629-9611 / 2629-9611 / 996090388

8.3 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: **Acessibilidade aos Surdos e Cegos nos Museus do Centro do Rio de Janeiro.**

Pesquisador Responsável: João Paulo Ferreira da Silva e Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal Fluminense

Telefones para contato: (21) 26143320 - (21) 68113143 - (21) 88159776

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “**Acessibilidade aos Surdos e Cegos nos Museus e Centros Culturais do Centro do Rio de Janeiro**”, de responsabilidade dos pesquisadoras **João Paulo Ferreira da Silva e Gerlinde Agate Platais Brasil Teixeira**, cujos objetivos e justificativas são – Detectar os Museus e Centros Culturais acessíveis aos visitantes cegos e surdos. Criar um “Guia Acessível” apresentando os Museus e Centros Culturais do Rio de Janeiro que apresentam estratégias específicas para os visitantes surdos e cegos. Sua participação no projeto é **voluntária**, não sendo remunerada e este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos ao pesquisado.

Eu, _____, RG Nº _____ declaro ter sido informado e _____ em participar, como entrevistado, do projeto de pesquisa acima descrito. _____ que seja realizado o registro de imagens e/ou a gravação de áudio para fins acadêmicos que sejam usadas nas produções derivadas desta pesquisa.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de _____

Assinatura do entrevistado

Assinatura do pesquisador